

2

A Teoria Cognitiva da Metáfora

2.1

Apresentação geral

Em 1980, favorecidos pelo crescimento e interesse pelas ciências cognitivas, George Lakoff e Mark Turner apresentaram, através do livro *Metaphors we live by*, sua Teoria Cognitiva da Metáfora, e a colocaram como ponto central nos estudos posteriores sobre a forma como vivemos, pensamos e expressamos nosso pensamento através da linguagem. Na década de 70, já se iniciara uma substancial mudança em relação aos paradigmas e pesquisas sobre a metáfora, e hoje, quase quarenta anos depois, há uma variedade de teorias que abordam a metáfora dentro e fora do campo da psicologia cognitiva (v. Ortony 1991).

A Teoria Cognitiva da Metáfora ou Teoria da Metáfora Conceptual, que serve de base para o estudo presente, e que é parte da psicologia cognitiva segundo alguns autores, serviu de base para inúmeras dessas pesquisas e estudos e representa de forma definitiva a ruptura com o enfoque objetivista da metáfora. Segundo Lakoff e Johnson (1980: capítulos 25 e 26), o mito do objetivismo dominou a cultura ocidental, e particularmente a filosofia ocidental, desde os pré-socráticos até nossos dias. A idéia de que temos acesso a verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo é o pilar da nossa tradição filosófica e tem se associado à idéia igualmente tradicional de que esse conhecimento “direto” é representado pela linguagem literal, sendo a linguagem figurativa nada mais do que uma modalidade “ornamentada” desta. A concepção de metáfora aqui apresentada vai contra a tradição objetivista, porque, como já se disse, considera a metáfora essencial à compreensão humana, bem como um mecanismo de criação de novos sentidos e de novas realidades em nossas vidas.

Em contraposição ao objetivismo, Lakoff e Johnson propõem a adoção de um paradigma que denominam *experencialista*:

O que estamos oferecendo na explicação experiencialista da compreensão e da verdade é uma alternativa que nega que o objetivismo e o subjetivismo sejam nossas únicas escolhas. Rejeitamos a concepção objetivista de uma verdade absoluta e incondicional, sem adotar a alternativa subjetivista de verdade obtida apenas por meio da imaginação. A razão, no mínimo, envolve a categorização, a implicação, a inferência. A imaginação, em um dos seus muitos aspectos, implica ver um tipo de coisa em termos de um outro tipo de coisa, o que denominamos pensamento metafórico.

Uma abordagem experiencialista permite-nos estabelecer também uma ponte entre os mitos objetivista e subjetivista no que se refere à imparcialidade e à possibilidade de ser justo e objetivo” (Lakoff e Johnson, 2002: 302-303)

Sustentam os autores que os sistemas conceptuais humanos fundam-se em nossa experiência física e cultural. Sobre a forma como isso se dá, Lakoff (1987: 269) explica que tais sistemas têm uma “dupla fundação”, dois tipos de conceitos fundantes que advêm de nossas experiências físicas mais básicas: *esquemas Imagéticos*, relacionados ao deslocamento do corpo no espaço, e *categorias de nível básico*, ligadas à manipulação de objetos.

Esses dois pilares dos sistemas conceptuais humanos são denominados *conceitos emergentes* (Lakoff e Johnson [1980] 2002: 143), por serem memórias espontâneas de determinados padrões experienciais, que não envolvem esforço mental.

No caso do esquema imagético, tais memórias têm a ver, como se disse, com o deslocamento espacial. Para o paradigma experiencialista, o corpo está, por assim, dizer na mente (cf. Johnson 1987): quando o corpo se desloca no espaço, a memória representa certas estruturas recorrentes nesses movimentos, não envolvendo tais memórias esquemáticas esforço racional ou consciência. Lakoff (1987: 272) nos dá alguns exemplos de esquemas imagéticos, entre os quais estariam os do *recipiente* e do *caminho*. Sobre o primeiro, nos diz Lakoff:

O esquema do recipiente define a distinção mais básica entre interior e exterior. Concebemos nosso próprio corpo como RECIPIENTE – talvez a coisa mais básica que fazemos seja ingerir e excretar, colocar ar nos pulmões (inspirar) e expirá-lo. Mas nossa concepção de nosso próprio corpo como RECIPIENTE parece pequena, se comparada com todas as experiências cotidianas as quais entendemos em termos de RECIPIENTE. (1987:271)

Citando o trabalho de Johnson (1987), Lakoff chama atenção para a diversidade de atividades que mobilizam o par espacial dentro-fora: entrar e sair de cômodos,

da água, das cobertas etc.; pôr e tirar objetos de recipientes fechados, etc.

Sobre o esquema imagético CAMINHO, que tem como elementos estruturais um *ponto de partida*, um *trajeto* e um *ponto de chegada*, Lakoff nos diz:

Todas as vezes que nos movemos, há um lugar de onde partimos e um lugar para onde nos dirigimos, há uma seqüência de localizações que conectam pontos de partida e de chegada, e há uma direção.(Lakoff, 1987: 275)

No que tange às categorias de nível básico, dizem respeito às seguintes questões: Como categorizamos as coisas? Como é que dividimos o mundo em objetos?

Em um enfoque tradicional, partiríamos em nossas subdivisões categoriais do mais geral para o mais particular, ou do mais particular para o mais geral, segundo esquemas do tipo *animal*→*cachorro*→*pequinês* ou *chaise*→*cadeira*→*mobília*. Para Lakoff e Johnson, ao contrário, as categorias mais básicas em nossos sistemas conceituais não são nem as mais gerais, nem as mais específicas, mas antes as de nível intermediário. Segundo os autores:

“Basic-level categorization: the idea that categories are not merely organized in a hierarchy from the most general to the most specific, but are also organized so that the categories that are cognitively basic are ‘in the middle’ of a general-to-specific hierarchy. Generalization proceeds ‘upward’ from the basic level and specialization proceeds ‘downward’ (1987:13)

Ainda segundo Lakoff, “o nível básico é aquele em que somos capazes de formar imagens mentais detalhadas e sobre o qual temos estruturas mais ricas de conhecimento” (LAKOFF-1993:212)

Categorias de nível básico e esquemas imagéticos constituiriam então os nossos conceitos *literais*, aqueles que não são estruturados e entendidos em termos de outros conceitos. Mas tanto aos esquemas imagéticos quanto às categorias de nível básico podemos aplicar projeções figurativas ou metafóricas. Por meio de tais projeções, parte-se do concreto para o abstrato. Vejamos como.

Os esquemas de movimento (imagéticos), que são, como se disse, as memórias esquemáticas de nossos movimentos corpóreos, podem ser estendidos metaforicamente para dar sentido a experiências menos concretas. Por exemplo, a experiência mais concreta de deslocamento *de* um lugar *para* outro lugar, ligada

ao esquema imagético *caminho*, pode nos auxiliar a dar sentido a experiências mais abstratas com o tempo: dizemos “*de ontem para hoje*”, como se tempo fosse espaço. Do mesmo modo, nossa experiência mais concreta com a *entrada* e a *saída* de lugares fechados, o esquema imagético *recipiente*, pode nos ajudar a dar sentido a experiências emocionais menos bem compreendidas: dizemos “*entrei em depressão*”, como se estados fossem recipientes.

Quanto às projeções figurativas envolvendo categorias de nível básico, podemos citar como exemplo A RELAÇÃO AMOROSA É UM CARRO ou A RELAÇÃO AMOROSA É UM BARCO, ambas subordinadas hierarquicamente à metáfora mais geral A RELAÇÃO AMOROSA É UM VEÍCULO (LAKOFF 1993:212)

Não se deve esquecer de que, segundo Lakoff e Johnson, as motivações para as projeções figurativas não são completamente previsíveis, pois são variáveis culturalmente.

Quaisquer que sejam, no entanto, as suas motivações, as projeções metafóricas funcionam, segundo Lakoff e Johnson, sempre pela “exportação” do conhecimento de um *domínio fonte*, em geral mais concreto, para um *domínio alvo*, em geral mais abstrato (1993:207). De acordo com o paradigma experiencialista, tais projeções têm o importante papel de unir a razão e a imaginação, ou seja, trata-se, nesse modelo, de uma *racionalidade imaginativa*, que é essencial, como veremos, para a literatura e também para a ciência. Outra proposição crucial nesse paradigma, que deve estar clara a esta altura, é a de que o corpo e a mente não são separados: compreendemos o mundo por meio de metáforas construídas com base em nossa experiência corporal. Da forma como concebe os nossos sistemas conceptuais, o experiencialismo resgata, portanto, duas dimensões excluídas pela orientação objetivista: a imaginação e o corpo.

O paradigma experiencialista, brevemente descrito acima, sugere uma forma de compreender a *linguagem* também radicalmente distinta daquela que nos oferece o pensamento tradicional. Alguns pressupostos sobre a linguagem, o sentido, a verdade e a compreensão típicas da tradição objetivista, são, segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 306), as seguintes:

A verdade é uma questão de correspondência entre palavras e mundo; uma teoria do sentido para as línguas naturais funda-se em uma teoria de verdade, independente do modo como as pessoas compreendem e usam a língua; o sentido é objetivo e não-corporificado, independente da compreensão humana.

Essa perspectiva é fortemente questionada por Lakoff e Johnson, quando defendem que “o sentido de uma frase é dado em termos de uma estrutura conceptual”: compreendendo que a estrutura conceptual se fundamenta na experiência física e cultural, sustentam que “o sentido jamais é descorporificado ou objetivo e está sempre fundamentado na aquisição e utilização de um sistema conceptual”; sustentam ainda que “a verdade é sempre dada em relação a um sistema conceptual e às metáforas que o estruturam”, não sendo, portanto, absoluta ou objetiva, mas antes “baseada na compreensão”. Sob essa ótica, “as frases não têm sentidos inerentes e objetivamente dados, e a comunicação não pode ser mera transmissão de tais sentidos” (2002 p. 307).

O paradigma experiencialista se contrapõe, enfim, à concepção tradicional de que o sentido deva ser objetivo e, como tal, deva excluir todos os elementos subjetivos, isto é, qualquer coisa peculiar a um contexto, a uma cultura ou a um modo de compreensão particular.

É interessante ressaltar, no entanto, a penetração da perspectiva objetivista da linguagem no senso comum. Em *Metaphors we live by*, texto chave para esta pesquisa, Lakoff e Johnson demonstram de forma bastante exemplificada que a maioria das pessoas pensa sobre a linguagem aristotelicamente.

Podemos de fato dizer que o caminho traçado por Lakoff e Johnson para a construção de uma teoria conceptual da metáfora, subjacente à linguagem e influente em nosso pensamento e ação, foi em parte aberto por um estudo que tematiza justamente uma certa concepção de senso comum acerca da própria linguagem. Trata-se do trabalho Reddy (1979), em seu famoso ensaio “The Conduit Metaphor”. Nele, Reddy investigou a maneira como nós conceptualizamos o conceito de *comunicação*: a idéia principal da chamada *metáfora do canal* é a de que uma comunicação com êxito supõe que o ouvinte ou o leitor “receba” o significado, já “depositado” nas palavras, em sua mente. Conforme nos explicam os próprios Lakoff e Johnson sobre a contribuição de Reddy:

Um caso bem mais sutil de como um conceito metafórico pode esconder um aspecto de nossa experiência pode ser observado no que Michael Reddy chamou de ‘metáfora do canal’ (*conduit metaphor*). Reddy observa que a nossa linguagem sobre a linguagem é, grosso modo, estruturada pela seguinte metáfora complexa:

IDÉIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS
EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES
COMUNICAÇÃO É ENVIAR

O falante coloca idéias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para o ouvinte, que retira as idéias-objetos das palavras-recipientes”. (Lakoff e Johnson, 2002 p. 54)

Segundo Mey (1994 apud Zanotto et. al.), a metáfora do canal é uma forma automatizada pela qual as pessoas pensam e interagem, mas da qual não têm consciência. Assim, não constroem o sentido, nesse caso, diretamente com base em suas vivências pessoais e seu conhecimento de mundo. É nesse sentido que a metáfora do canal é uma estrutura semântica real e poderosa na língua inglesa (a língua que foi observada pelo pesquisador) e que pode influenciar os pensamentos e as ações dos seus falantes.

Com a apresentação da *metáfora do canal*, Reddy demonstra que a metáfora faz parte da linguagem cotidiana e que é componente essencial do modo como conceptualizamos as coisas. Ele também contribui para a ruptura da visão tradicional da metáfora, que reconhece sua presença apenas em discursos poéticos e persuasivos. Lakoff e Johnson vão mais adiante, mostrando que os enunciados que Reddy analisou são manifestações lingüísticas de metáforas muito sistemáticas no pensamento, sendo a metáfora do canal, na verdade, formada por toda uma rede de metáforas conceptuais.

Lakoff (1985: 49-68) descreve parcialmente essa rede ampliada da seguinte forma:

A MENTE É UM RECIPIENTE
IDÉIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS
PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES
COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE
COMPREENDER É PEGAR (OU VER)

Assim como se coloca, a metáfora do canal faz entender que o sentido está ali mesmo, nas palavras, sendo independente daquele que as compreende. Essa visão, convertida em senso comum, tem também grande penetração na esfera das

teorias da linguagem.

A semântica, o estudo do significado, é, sob essa ótica, o estudo de “como as expressões lingüísticas podem corresponder diretamente ao mundo, sem a intervenção da compreensão humana” (Lakoff e Johnson, 2002 p. 311). Para a lingüística e para a filosofia objetivistas, sentidos e expressões lingüísticas são objetos com existência independente – dessa visão originou-se uma teoria da comunicação que se ajusta muito bem à metáfora do canal. De acordo com essa abordagem, é possível dizer objetivamente o que se quer, sendo as falhas na comunicação, problemas ligados a erros subjetivos. Se os sentidos estão ali, nas palavras, a falha só pode se explicar se ou você não usou as palavras corretas para dizer o que queria ou foi mal compreendido por alguém que não soube decodificá-las.

Se a tradição anterior via que a ciência se fazia com o literal e que só poderíamos nos referir ao mundo e compreendê-lo por meio da linguagem literal, Lakoff e Johnson afirmam, ao contrário, que a maioria dos conceitos básicos como, por exemplo, tempo, quantidade, estado, ação e conceitos emocionais como o de amor e o de raiva são compreendidos metaforicamente. As metáforas se colocam, portanto, numa posição importante para a compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos.

A análise feita por Lakoff e Johnson de enunciados da linguagem cotidiana que utilizamos para falar da linguagem revela um sistema conceptual metafórico que vai além do nosso modo de compreender a comunicação pela linguagem, que comanda da mesma forma nosso pensamento e nossas ações. Por pensarmos a linguagem em termos da metáfora do canal, dizemos coisas como:

Depois que ele colocou essas idéias na cabeça, não teve mais jeito.

Eu não peguei a moral da história.

Você não me passou aquela informação.

Eu não vi sentido no que ela disse.

Uma importante distinção estabelecida por Lakoff e Johnson em sua teoria cognitiva da metáfora é, pois, aquela que separa *expressões lingüísticas metafóricas* de *metáforas conceptuais*. Conforme nos esclarece Lakoff (1993:209), a Teoria Cognitiva da Metáfora afirma que

o que constitui a metáfora não é nenhuma palavra ou expressão em particular. É, sim, o mapeamento ontológico que atravessa domínios conceptuais, de um domínio fonte [...] para um domínio alvo [...]. A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e de razão. A língua é secundária. O mapeamento é primário. O mapeamento é convencional, isso quer dizer que ele é uma parte fixa do nosso sistema conceptual [...] Se metáforas fossem meramente expressões lingüísticas, nós esperaríamos que as expressões lingüísticas diferentes fossem metáforas diferentes”.

Para os autores, as expressões lingüísticas são apenas *uma* das instâncias possíveis das metáforas conceptuais. Conforme nos esclarece Lakoff (1993: 241) a esse respeito:

Há muitas maneiras pelas quais as metáforas convencionais podem se tornar reais. Elas podem aparecer em produções imaginativas óbvias como em quadrinhos, trabalhos literários, visões e mitos, mas também podem aparecer através de formas menos óbvias, em sintomas físicos, instituições sociais, leis, e mesmo em políticas internacionais e formas de discurso e história.

Em seu trabalho de 1980, Lakoff e Johnson apresentam e discutem inúmeras metáforas conceptuais, entre elas uma que é hoje muito conhecida e citada, a saber, DISCUSSÃO É GUERRA. Através dela, mostram em detalhe como é sistemática a nossa tendência a compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Para os autores, quando estamos no meio de uma discussão racional, a experienciamos como se ela fosse uma guerra e proferimos enunciados do tipo:

Seus argumentos são *indefensáveis*.
Ele *atacou* todos os *pontos fracos* da minha argumentação. (p. 46)

Porque o conceito metafórico é sistemático, a linguagem usada para falarmos sobre o conceito é sistemática; regularmente, lançamos mão de expressões provenientes do vocabulário de guerra para falar de discussões: *atacar* e *defender* (uma posição), *indefensável*, *derrubar* (uma teoria), *estratégia* (de argumentação), *linha de ataque*, *vencer*, *ganhar terreno* etc. são expressões utilizadas numa discussão e, formam uma maneira sistemática de expressar os aspectos bélicos do ato de discutir.

Falamos assim porque agimos e pensamos assim: há de fato uma disputa com vencidos e vencedores, como numa guerra. DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura; ela estrutura as ações que realizamos

numa discussão, no sentido de estabelecer *padrões de conduta*: há coisas que fazemos quando discutimos e outras que não fazemos. Nossa tendência a conceptualizar sistematicamente discussões como se fosse uma batalha determina também a forma dos raciocínios que fazemos acerca desse conceito; determina, em outras palavras, *padrões inferenciais*.

Nos termos muito gerais de Lakoff e Johnson (2002), temos, portanto, *metáfora* sempre que experienciamos uma coisa *em termos de* outra. Sob esse ponto de vista, as discussões não são subespécies de guerra; são, em vez disso

coisas completamente diferentes – discurso verbal e conflito armado – e as ações correspondentes são igualmente diferentes. Mas DISCUSSÃO é parcialmente estruturada, compreendida, realizada e tratada em termos de GUERRA. O conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada”. (Lakoff e Johnson, 2002: 48)

Em *Metaphor and symbolic activity*, Lakoff define o termo de forma mais complexa, mais propriamente como *metáfora conceptual*. Referindo-se a outro mapeamento metafórico hoje muito conhecido na literatura, AMOR É VIAGEM, ele nos diz:

A metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, o amor, em termos de um domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio de origem (neste caso, as viagens) a um domínio alvo (neste caso, o amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências ontológicas, de acordo com as quais as entidades no domínio do amor (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.” (Lakoff, 1986: 215-225).

Reforçando a distinção já mencionada entre a metáfora conceptual e suas realizações lingüísticas, Lakoff nos diz ainda:

O que constitui a metáfora tema amor-como-viagem não é nenhuma palavra ou expressão particular. É o mapeamento ontológico e epistêmico entre domínios conceptuais, do domínio fonte das viagens ao domínio do amor. A metáfora não é uma questão apenas de linguagem, mas de pensamento e de razão. A linguagem é o reflexo do mapeamento. O mapeamento é convencional, um dos nossos modos convencionais de entender o amor. (Lakoff, 1986 p. 216-217)

Como veremos com maiores detalhes mais adiante, é de acordo com mapeamentos gerais como O AMOR É UMA VIAGEM que podemos entender

novos e criativos usos da linguagem, por exemplo, na literatura. Para Lakoff e Turner (1989), as metáforas conceituais fazem parte do sistema metafórico convencional de uma determinada cultura e nos permitem entender o uso inusitado que poetas fazem da linguagem. O interesse maior de Lakoff e Johnson era, no entanto, justamente chamar atenção para o alcance da metáfora para muito além da linguagem literária: chamar a atenção para a questão da metáfora como estruturadora do conhecimento e da experiência, daí o enfoque experiencialista de sua teoria. A maior contribuição da TCM de Lakoff e Johnson foi realmente o fato de apontarem que, ao contrário do que prega a tradição platônico-aristotélica, em que se vêem metáforas como recursos retóricos e poéticos, a metáfora seria um recurso de pensamento, ou melhor, um instrumento cognitivo que nos faz ver, pensar, falar e agir sobre determinados conceitos de uma maneira e não de outra.

Consideremos um último exemplo entre aqueles oferecidos por Lakoff e Johnson em sua teoria da metáfora: TEMPO É DINHEIRO (p. 51 e segs). Podemos observar claramente como os conceitos de dinheiro, trabalho e tempo estão associados em nossa cultura ocidental moderna. Por exemplo, na expressão *Você está desperdiçando meu tempo*, vemos que o trabalho é medido e remunerado pelo tempo que ele toma, e ele é quantificado com precisão. De acordo com Lakoff e Johnson,

Essas práticas são relativamente novas na história da humanidade e não existem em todas as culturas. Elas surgiram nas modernas sociedades industrializadas e estruturam profundamente nossas atividades cotidianas básicas. Pelo fato de que agimos como se o tempo fosse um bem valioso – um recurso limitado, como o dinheiro – nós o concebemos dessa forma. Logo, compreendemos e experienciamos o tempo como algo que pode ser gasto, desperdiçado, orçado, bem ou mal investido, poupado ou liquidado” (Lakoff e Johnson, 2002 p. 51).

Para a TCM, a metáfora é, como mostram os exemplos considerados, um mecanismo fundamental da mente, um princípio cognitivo que nos possibilita entender as experiências mais abstratas através das nossas experiências físicas e sociais. As metáforas estruturam nosso entendimento em níveis muito básicos e, por isso, elas são cotidianas, comuns. Definem nossas percepções e ações e não nos apercebemos disso, fazendo-o de forma intuitiva e natural.

Muitos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos desde a década de 80 sob a inspiração da teoria de Lakoff e Johnson reforçam a hipótese de que nosso sistema

conceptual é basicamente metafórico, demonstrando que a forma com a qual pensamos, o que experienciamos e o que fazemos dia-a-dia são essencialmente metafóricos. Zoltan Kovecses (1989) continua a analisar emoções como raiva, medo, orgulho, respeito e amor, trabalho iniciado por Lakoff (1987) em *Women, fire and dangerous things*. Mark Turner (1991:71) nos mostra, entre outras coisas, a importância de considerarmos o nosso entendimento a respeito da simetria DIREITO-ESQUERDO estabelecida por nossos corpos em sua interação com o mundo. E Eve Sweetser (1990) faz considerações muito interessantes sobre metáfora, variação polissêmica e variação semântica diacrônica.

Lakoff e Johnson também nos advertem que nosso sistema conceptual não é algo de que nos apercebemos porque, na maior parte das pequenas coisas que fazemos diariamente, nós simplesmente pensamos e agimos automaticamente. O que é interessante apontar é que, se agimos e pensamos automaticamente em termos metafóricos, uma das principais formas de nos darmos conta disso é através da língua.

Uma vez que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e para agir, a língua se torna um recurso de evidência que mostra como o sistema conceptual funciona. Ao considerarmos as evidências lingüísticas, percebemos que nosso sistema conceptual comum é metafórico por natureza e identificamos o que as metáforas são e também como elas estruturam a forma como nós percebemos as coisas. Considerando, sobretudo, essas evidências lingüísticas, Lakoff e Johnson chegam a uma *tipologia de metáforas* que é central para esta pesquisa e que passamos agora a expor brevemente.

2.2

Os tipos de metáforas da TCM

2.2.1

As Metáforas Estruturais

Como vimos, para Lakoff e Johnson, nosso sistema conceptual ordinário é fundamentalmente metafórico por natureza e as metáforas estruturam nossa maneira de perceber, de pensar e de agir, sendo a essência da metáfora compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. No caso de *metáforas*

estruturais, um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro conceito. Definem-se da seguinte forma, segundo os autores:

metáforas estruturais [são] casos nos quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro (Lakoff e Johnson, 2002 p. 59).

São metáforas do tipo DISCUSSÃO É GUERRA, AMOR É VIAGEM, TEMPO É DINHEIRO, de que já falamos suficientemente na seção anterior. Para considerar apenas mais um exemplo, temos uma tendência sistemática a pensar, falar e agir segundo a metáfora IDÉIAS SÃO PLANTAS. Enunciados lingüísticos que constituiriam realizações dessa metáfora conceptual seriam, por exemplo:

Finalmente as idéias frutificaram.

A matemática tem muitas ramificações.

Sua mente não é fértil. (Lakoff e Johnson, 2002: 110)

Distinguem-se as metáforas estruturais de dois outros tipos reconhecidos por Lakoff e Johnson. Vejamos.

2.2.2

As Metáforas Orientacionais

As Metáforas Orientacionais são aquelas que organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro sistema de conceitos e têm a ver com a orientação espacial (Lakoff e Johnson 2002:59). Mobilizam centralmente esquemas imagéticos e se organizam a partir de oposições espaciais como:

PARA CIMA – PARA BAIXO

DENTRO – FORA

FRENTE – TRÁS

EM CIMA DE – FORA DE

FUNDO – RASO

CENTRAL – PERIFÉRICO

Para os autores, tais oposições espaciais surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no

nosso ambiente físico (se fôssemos, por exemplo, animais rastejantes, aquáticos ou voadores, outras oposições poderiam organizar nossos sistemas conceituais). As metáforas Orientacionais dão ao conceito uma orientação espacial e, segundo Lakoff e Johnson, não são arbitrárias; têm uma base na nossa experiência física e cultural. Nas palavras dos autores:

As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões como: Estou me sentindo *para cima* hoje.” (Lakoff e Johnson, 2002 p. 59)

A idéia de que metáforas orientacionais organizam sistemas inteiros de conceitos fica clara se consideramos outras projeções do par espacial *para cima – para baixo*, como, por exemplo, RACIONAL É PARA CIMA – EMOCIONAL É PARA BAIXO, ilustradas por Lakoff e Johnson (2002, p. 64) com os seguintes enunciados:

A discussão desceu para o plano emocional, mas eu a fiz atingir de novo o nível da racionalidade.
Nós pusemos de lado nossas emoções e tivemos uma discussão de alto nível intelectual sobre o assunto.

Outra manifestação possível da mesma metáfora orientacional seria, por exemplo, VIRTUDE É PARA CIMA – DEPRAVAÇÃO É PARA BAIXO. Segundo Lakoff e Johnson (2002: 63-65), as “metáforas de espacialização estão enraizadas na experiência física e cultural; elas não são construídas ao acaso”:

Ele é um homem de espírito elevado.
As coisas estão indo o tempo todo para baixo.
Esse foi um truque baixo.
Foi um golpe baixo.

Embora as oposições binárias como *para cima – para baixo*, *dentro – fora*, por exemplo, sejam físicas em sua natureza, é importante ressaltar que as metáforas orientacionais baseadas nelas podem variar de uma cultura para outra, conforme nos dizem Lakoff e Johnson (2002, p. 67):

Nossa experiência física e cultural proporciona muitas bases possíveis para as metáforas de espacialização e, por essa razão, sua escolha e sua importância relativa podem variar de cultura para cultura.

A TCM considera que os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura. Admite que nossos valores não são independentes, mas advertem que devem formar um sistema coerente com os conceitos metafóricos que orientam nossa vida cotidiana.

Seja como for, o que parece ser universal para os autores é que as metáforas orientacionais mobilizam os esquemas imagéticos de deslocamento no espaço: nossa experiência concreta de deslocamento espacial é metaforicamente projetada para a nossa experiência mais abstrata, por exemplo, para nossa vida emocional, social etc.

Para a TCM, a maior parte dos nossos conceitos fundamentais é organizada em termos de uma ou mais metáforas de espacialização: “a espacialização é uma parte tão essencial do conceito que temos dificuldade em imaginar outra metáfora alternativa que pudesse estruturar o conceito.” (Lakoff e Johnson, 2002 p. 66).

2.2.3

As Metáforas Ontológicas

As *metáforas ontológicas* fornecem um meio muito geral e básico de nos referirmos às nossas experiências mais abstratas: os homens, por causa de sua necessidade de manipular o mundo e de entendê-lo melhor, tentam, segundo Lakoff e Johnson (2002:76), “impor aos fenômenos limites artificiais”. Assim, eles tratam os fenômenos físicos como se fossem entidades “demarcadas por uma superfície”:

Da mesma forma que as experiências básicas das orientações espaciais humanas dão origem a metáforas orientacionais, as nossas experiências com objetos físicos (especialmente com nossos corpos) fornecem a base para uma variedade ampla de metáforas ontológicas, isto é, formas de se conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias.” (Lakoff e Johnson, 2002 p. 76)

Através das Metáforas Ontológicas, podemos chegar a conceitos abstratos como “fenômenos naturais e sociais, eventos, atividades e emoções”, atribuindo-lhes características específicas, o que nos ajudaria a quantificá-los e identificá-los.

A metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE nos permite pensar a inflação como uma “coisa” e dizer, por exemplo:

A inflação está pressionando o mercado.

Eis o lado perverso da inflação.

A inflação ficará bem acima das previsões do início do ano.

Referimo-nos ao fenômeno abstrato da inflação como se fosse um objeto que pudesse exercer pressão sobre outro, como se tivesse lados, como se pudesse ter uma localização no espaço. Do mesmo modo, uma projeção ontológica como MEDO É UMA ENTIDADE, nos permitiria, por exemplo, quantificar essa experiência abstrata, dizendo coisas como *Tenho dois medos*.

Ainda para os autores, pode-se dizer, pois, que metáforas ontológicas são metáforas muito gerais que tomam sistematicamente ENTIDADE como domínio origem. Há, no entanto, uma possibilidade de metáfora ontológica um pouco mais específica, mas também muito sistemática na qual a entidade particular tomada como domínio origem é PESSOA: trata-se aqui não de *coisificação*, mas de *personificação* (cf. Lakoff e Johnson, 2002: 75-89). O uso do adjetivo *perverso* em referência à inflação no exemplo acima ilustraria esse tipo de metáfora ontológica.

A personificação terá como veremos um lugar importante na caracterização da metáfora literária, à qual passamos no capítulo seguinte.

2.3

As Metáforas Imagéticas

Antes disso, porém, convém observarmos um quarto tipo de metáfora que nos é apresentado por Lakoff (1993:229): são as *metáforas imagéticas* ou Metáforas do tipo “one-shot”.

Essas metáforas se diferem das metáforas anteriores porque aquelas se utilizavam do sistema conceptual através de mapeamentos que atravessavam os

domínios conceptuais. As metáforas imagéticas, ao contrário, utilizam-se apenas de imagens convencionais. Lakoff aponta um belo exemplo de metáfora do tipo “one-shot” através desse poema:

“Now women-rivers
Belted with silver fish
Move unhurried as women in love
At dawn after a night with their lovers
(Merwin & Masson, 1981, p. 71 apud Lakoff, 1993, p. 229)

O autor mostra que a imagem do caminhar lento de uma mulher indígena é comparada à correnteza do rio, e o brilho de um cardume é comparado com um cinto que a adorna. Para George Lakoff, a única coisa que difere a estrutura da metáfora imagética das outras metáforas é que se utilizam de imagens mentais convencionais, ao invés de se utilizarem de domínios fonte e alvo – geralmente partindo-se de um conceito concreto para um abstrato. As metáforas do tipo “one-shot” apóiam-se em imagens concretas para dar sentido a imagens também concretas.